

Janderson Pereira Jacques
Universidade Santa Cruz do
Sul - UNISC
Email:
janderson.jacques@hotmail.com

Willian Fernandes Araujo
Universidade Santa Cruz do
Sul - UNISC
Email:
willianfaraujo@gmail.com



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

**Pessoas Negras Seguindo
Pessoas Negras:
Dinâmicas das Identidades no *Black
Twitter* Brasileiro**

*Black People Following Black People:
Dynamics of Identities in Brazilian Black
Twitter*

*Negros Siguiendo a Negros:
Dinámicas de las Identidades en el Black
Twitter Brasileño*

Jacques, J. , & Fernandes Araujo, W. Pessoas negras seguindo pessoas
negras: dinâmicas das identidades no Black Twitter brasileiro . Revista Eco-
Pós, v.25 n.3, p.158–177. DOI: 10.29146/eco-ps.v25i3.27917

RESUMO

O artigo tem como objetivo estudar as dinâmicas acerca da identidade negra com base no ambiente digital e nas discussões do chamado *Black Twitter* brasileiro. Para isso, foi realizada uma pesquisa de caráter etnográfico no Twitter durante o ano de 2020, promovendo interação com eventos e temas de discussão na plataforma. Por meio da investigação, buscamos compreender como as vivências da nomeada *black cyberculture* colaboram para dinâmicas de constituição das diferentes identidades da negritude no Twitter. Como resultado, observamos a constituição do *Black Twitter* como um espaço volúvel e complexo, de dinâmicas de colaboração e disputa, essencial para entender a constituição das identidades negras na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: *Black Twitter; Identidade; Negritude; Black Cyberculture.*

ABSTRACT

This article aims to study the dynamics about black identity from the so-called Brazilian Black Twitter. For this purpose, an ethnographic survey was carried out on Twitter during 2020, based on the interaction with events and topics of discussion on the Twitter platform. From the research, we seek to understand how the experiences of the named black cyberculture collaborate for the dynamics of the constitution of the different identities of blackness on Twitter. As a result, we observe the constitution of Black Twitter as a fickle and complex space, of collaboration and dispute dynamics, essential to understand the constitution of black identities in contemporary times.

KEYWORDS: *Black Twitter; Identity; Blackness, Black Cyberculture.*

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo estudiar las dinámicas sobre la identidad negra a partir del llamado Black Twitter brasileño. Para ello se realizó una encuesta etnográfica en Twitter durante el 2020, a partir de la interacción con eventos y temas de discusión en la plataforma Twitter. A partir de la investigación, buscamos comprender cómo las experiencias de la nombrada black cyberculture colaboran para la dinámica de constitución de las diferentes identidades de la negritud en Twitter. Como resultado, observamos la constitución del Black Twitter como un espacio voluble y complejo, de dinámicas de colaboración y disputa, esencial para comprender la constitución de las identidades negras en la contemporaneidad.

PALABRAS CLAVE: *Black Twitter; Identidad; Negritud; Black Cyberculture.*

Submetido em 22 de Julho de 2022

Aceito em 01 de Outubro de 2022

Introdução

Na contemporaneidade, os processos identitários têm, nas plataformas *on-line*, uma potente ambiência de realização. Por intermédio desses espaços, os sujeitos entram em relação com uma infinidade de modos de ser, que passam a ser subsídios para dinâmicas cada vez mais complexas e fragmentadas da construção das identidades de si. Esse processo torna-se mais interessante à medida que olhamos para as dinâmicas identitárias em torno da negritude. Como a literatura sobre o tema destaca, a construção identitária de sujeitos negros é marcada por processos estruturais de discriminação e violência, como o racismo. Logo, como defende Neusa Souza (1990), revelar-se negro em uma sociedade como a brasileira, marcada por uma violência racial multiescalar, é um ato eminentemente político.

Com a ascensão dos movimentos antirracistas ao redor do mundo, visibilizados por meio da organização estadunidense *Black Lives Matter* e de eventos como o assassinato de Trayvon Martin, em 2012, e, posteriormente, de George Floyd, em maio de 2020, as plataformas *on-line* tornaram-se um local de mobilização e ativismo e, como consequência, se visibilizaram e ampliaram dinâmicas de negociação das identidades negras. No Twitter, plataforma conhecida como espaço de informação, de ativismo e de disputas políticas, originou-se um movimento de pessoas negras que se seguem por causa de suas identificações como sujeitos negros. Nos Estados Unidos, tal movimentação digital definiu-se como *Black Twitter*, desenvolvida por meio de dinâmicas comunitárias da plataforma em torno das interações e compartilhamentos das experiências e vivências sobre a negritude.

Assim sendo, o *Black Twitter* é uma das manifestações que Brock Jr. (2020) vai chamar de *black cyberculture*, por meio da apropriação de funcionalidades de plataformas como o Twitter para se estabelecer como uma ferramenta para as pautas da negritude em comunidades *on-line*, as quais contribuem para a construção de uma identidade negra. Brock Jr. (2020) define que o *Black Twitter* se estabelece para além das problemáticas raciais pautadas pelos negros no ambiente digital. Também se constitui como mediação da identidade cultural negra no Twitter, expressada por meio de práticas digitais e desenvolvida com os discursos culturais sobre a vida cotidiana do negro.

Em nosso artigo, buscamos observar as dinâmicas comunicacionais em torno da identidade negra no *Black Twitter*. Para isso, realizamos um estudo de caráter etnográfico como forma de desenvolver uma observação aprofundada dos sentidos e práticas envolvidos no modo como os

sujeitos negros negociam suas identidades no Twitter. Para isso, elaboramos um diário de campo no qual coletamos *tweets* e impressões sobre os conteúdos relacionados às principais pautas debatidas entre os sujeitos durante o processo da análise. O período da investigação foi de abril a outubro de 2020.

Como resultado do estudo, propomos uma observação que reconhece as complexidades do *Black Twitter*, o percebendo como um instrumento de identificação para a comunidade negra *on-line*. Observamos que criadores de conteúdo negros da plataforma, que vêm desenvolvendo conteúdos mediante suas vivências diárias como sujeitos negros, tornam-se porta-vozes em relação às pautas da negritude para outros negros e também para pessoas não negras aliadas à causa. Em consequência, pelas interações em torno desses conteúdos, formam-se bolhas sociais¹ baseadas em diferentes identificações em torno da negritude.

1. Identidade em constante construção: o tornar-se negro

A identidade é atravessada por questões biológicas, sociais e discursivas, que se realizam em grupos e meios de representação nos quais o sujeito está inserido. Ao historicizar a noção de identidade, Hall (2006) delineou um processo de enfraquecimento das identidades da chamada *modernidade*, fragmentando o antes unificado *indivíduo moderno* e enfraquecendo construções sociais como a ideia de nação. Essas identidades, desterritorializadas, passam a ser moldadas por outras disputas de poder, estabelecendo uma relação entre o pertencimento e a exclusão.

Essa mobilidade identitária pressupõe que estejamos inseridos em um processo de transformação contínuo, sendo impactado constantemente pelos sistemas culturais mediados, que, contemporaneamente, têm potente desdobramento por meio das plataformas *on-line*. Com base nessas ambiências, os sujeitos entram em relação com uma infinidade de modos de ser, os quais passam a ser subsídios para dinâmicas cada vez mais complexas e fragmentadas da construção das identidades de si.

Nesse contexto, o processo de constituição de identidades negras ganha novas dinâmicas e mais camadas de complexidade e negociação. Ao mirar as dinâmicas de formação de identidades do ser negro contemporaneamente, como este artigo se propõe, é necessário acionar lentes que

¹ Bolhas sociais: é um termo popularmente usado para indicação de um grupo social específico, que costuma partilhar valores em comum.

reconheçam os processos históricos de discriminação e violência dos quais derivou a construção de uma ordem social que tem o racismo como efeito evidente. O racismo estrutural, como efeito esperado da construção de mecanismos sociais de opressão, organiza um sistema de privilégio que penetra no tecido social pelos hábitos, costumes e linguagem, consolidando-se como dimensão inconsciente do comportamento social (Silva; Araujo, 2020).

Conforme propõe Gomes (2002, p. 44), o sujeito negro, ao se relacionar com o mundo, o faz “a partir de uma diferença que não é só cultural e histórica, mas está inscrita num corpo, na cor da pele, nos sinais diacríticos que, mesmo sendo transformados por meio de uma intensa miscigenação, continuam carregados de africanidade”. Para além da cor da pele, os traços, os gestos, as expressões artísticas são modos de interagir com o mundo, acionando essa africanidade.

A visão estabelecida no racismo estrutural foi eficaz ao dificultar o desenvolvimento positivo de uma identidade aos indivíduos negros. Tais representações negativas sobre a população negra “prejudicam as relações étnico-raciais entre negros e não negros, ocasionando deturpação em suas identidades individuais e de grupo” (Fernandes; Souza, 2016, p. 117). Portanto, diante dessa estrutura de violência racial multiescalar, revelar-se negro é um ato eminentemente político, como sustenta Souza (1990, p. 77):

Nascer com a pele preta e/ou outros caracteres do tipo negroide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não organizam, por si, uma identidade negra. Ser negro é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que reassegura o respeito às diferenças e que reafirma uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, *a priori*. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (Souza, 1990, p. 77).

Tornar-se negro é, portanto, a construção positiva das identidades negras. Diz respeito a um processo no qual se constrói uma busca ativa por identificação, geralmente calcada no reconhecimento da ancestralidade negra. Esse ato de assumir uma identidade negra representa um rompimento do modelo identitário proposto pelo colonizador, isto é, “o negro organiza as condições de possibilidade que lhe permitirão ter um rosto próprio” (Souza, 1990, p. 77). Esse rosto, defendem Fernandes e Souza (2016, p. 116), se constrói com base em um “processo de

conscientização e valorização da negritude e pela construção política e sociocultural de sua identidade”. Assim, como sustenta Gomes (2002, p. 9), essa retomada identitária representa a “tomada de consciência, a afirmação e a construção de uma solidariedade entre as vítimas do próprio racismo, possibilitando uma reabilitação dos valores das civilizações destruídas e de culturas negadas”.

Ainda que todo indivíduo negro, autodeclarado ou não, enfrente, em determinado momento da sua vida, uma crise de identidade, auto-ódio e negação perante sua negritude, a busca por um sistema de representações positivas sobre negritude representa uma oportunidade de disrupção diante da construção identitária imposta pelo colonizador. Em razão disso, segundo Hooks (2019, p. 63), o negro visualiza que amar a sua negritude é atuar como resistência política, transformando “nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam vidas negras”.

Consideramos, portanto, que tal processo ocorre por meio da tomada de consciência do indivíduo sobre o que representa ser negro em uma sociedade como a brasileira, porém, entender a formação da identidade negra nunca pode ser tomado como um processo singular e linear. Ao contrário, como o nosso estudo demonstra, esses processos identitários da negritude são plurais e diversos, apresentando uma infinidade de modos de ser negro. Desta forma, as identidades negras, como qualquer outro construto identitário, precisam ser entendidas como resultado de dinâmicas e disputas sociais, históricas e culturais. Não é uma faceta inata do sujeito, como a cor de pele, mas sim um processo múltiplo, cheio de densidade, conflito e diálogo (Gomes, 2002), que se realiza ao longo da vida dos sujeitos na relação com o outro, pois “só o outro interpela a nossa própria identidade” (Gomes, 2002, p. 39).

2. As faces do *Black Twitter*

Plataformas *online* são entendidas como sistemas digitais disponíveis na internet, com características que as aproximam entre si, como “o funcionamento baseado na produção e no intercâmbio de dados, as lógicas comerciais ancoradas no engajamento dos usuários, os esforços para regular que práticas são ou não permitidas” (D’andrea, 2020, p. 9). O Twitter, plataforma abordada especificamente neste estudo, representa uma das estruturas mais longevas do

competitivo mercado dos grandes conglomerados da indústria digital. Como atributo formal, representa um sistema baseado na publicação de mensagens, os *tweets*, com os quais é possível interagir de diferentes formas (retuitar, comentar, curtir, pelo uso de *hashtags*, etc.). Nesse sentido, o Twitter costuma se configurar como um ecossistema flexível, oferecendo formas de interação e organização menos estruturadas (como comumente são os grupos em plataformas à semelhança do Facebook ou em aplicativos como WhatsApp e Telegram).

Com base nas características formais da plataforma, o que é chamado de *Black Twitter* representa coalizões de sujeitos em torno da discussão sobre a negritude, surgindo de forma mais ou menos espontânea. Consideramos o *Black Twitter* um fenômeno comunitário, mas que não pode ser reduzido como se fosse uma única comunidade homogênea. Ao contrário, como observamos em nosso estudo, ele se estabelece em associações em torno de pautas da negritude e pode variar dramaticamente em decorrência de fatores como, por exemplo, a territorialidade.

O termo *Black Twitter* é, inicialmente, uma criação do contexto estadunidense, como elemento gregário da negritude no contexto *on-line*. Com os protestos antirracistas de 2020 e a ascensão do movimento *Black Lives Matter*, o *Black Twitter* também representou espaço de discussão e ativismo, porém, como descreve Brock Jr. (2020), o *Black Twitter* se estabelece para além das problemáticas raciais pautadas pelos negros no Twitter, atuando como uma mediação comunitária da identidade cultural negra nesse espaço. Essas identidades são expressadas por meio das práticas digitais e dos discursos culturais sobre a vida cotidiana do negro. Brock Jr. (2020) considera que a utilização da *hashtag* *#BlackTwitter* foi uma das estratégias essenciais para a popularização do termo e para uma visibilidade ampla, por meio do alcance que os *trending topics* do Twitter oferecem. Tal estratégia, conforme o autor, tornou possível a ligação entre sujeitos negros por intermédio da plataforma, instituindo, assim, conexões mediadas por suas negritudes. Brock Jr. (2020, n.p., tradução livre dos autores), por sua vez, define o *Black Twitter* como:

[...] uma reunião *on-line* (não exatamente uma comunidade) de usuários do Twitter, que se identificam como negros e empregam recursos do Twitter para realizar discursos negros, compartilhar lugares comuns da cultura negra e construir afinidades sociais. Embora haja uma série de usuários não negros e negros do Twitter, que foram “convidados para o churrasco”, por assim dizer, participar do *Black Twitter* requer um conhecimento profundo da cultura negra, dos lugares-comuns e das práticas digitais [...] ser negro no contexto racial americano requer intencionalidade; representação e

reconhecimento são apenas parte da equação. Assim, os usuários negros do Twitter sinalizam intencionalmente suas afiliações culturais a um público que pensa da mesma forma em um espaço onde, até recentemente, a identidade racial era considerada um empreendimento de nicho (Brock Jr., 2020, n.p., tradução livre dos autores).

Ao relacionar o *Black Twitter* com a identidade negra, entende-se que o próprio ambiente denominado como *Black Twitter* enquadra-se em uma - uma das - manifestação da identidade negra na contemporaneidade. Tecnologias, especialmente as digitais, são um vetor de consolidação da branquitude como padrão normativo. Para exemplificar, cabe trazer o exemplo da fotografia. A branquitude na tecnologia é um efeito que se desvela de diferentes formas, mas que é mais visível nas técnicas de produção de imagens fotográficas (Pereira; Coêlho, 2022). Como demonstram Pereira e Coêlho (2022), análises de fotos familiares antigas de famílias negras desvenda a precariedade da representação da pele preta. É, então, possível afirmar que “o racismo impregnado nos aparelhos contribui para a consolidação de um padrão branco do que é belo”. Pela compreensão desse padrão normativo branco, masculino e heteronormativo, no qual branquitude tecnológica se estabeleceu, Brock Jr. (2020) afirma que ao se inserir nos ambientes digitais, é atribuída aos sujeitos negros uma identidade tecnológica que espontaneamente cruza com a identidade racial e de gênero. Segundo o autor, os usuários negros do Twitter são tão heterogêneos quanto a comunidade de onde provêm. Para tanto, lhes são necessários novos caminhos de ser negro nas plataformas *on-line*.

A utilização da *hashtag* #BlackTwitter, por parte de usuários negros, em *tweets* que se enquadravam nas pautas da negritude do *Black Twitter*, representa uma forma de organização e construção comunitária. Entretanto, é preciso afirmar que a *hashtag* não refere-se, necessariamente, ao ambiente *Black Twitter*, mas à “visibilidade de uma identidade informativa negra para o *mainstream*, proporcionada por sua aceitação no recurso de *trending topic* do Twitter” (Brock Jr., 2020, n.p., tradução livre dos autores). Assim, com base na experiência do contexto estadunidense, a estratégia do uso da *hashtag* do *Black Twitter* foi apropriada em outros contextos nacionais, como a *hashtag* #BlackTwitterBR, que aponta um recorte nacional para a comunidade.

Assim como assinalado anteriormente, o *Black Twitter* funciona como uma comunidade *on-line* heterogênea, que se ramifica por meio de diferentes aspectos, como a regionalidade, questões de gênero, etc. O *Black Twitter* é, portanto, um espaço fluido, norteado por um senso de

identificação com pautas específicas entre usuários. Desta forma, o ecossistema desenvolvido no Twitter não permite que o *Black Twitter* seja um grupo específico da plataforma ou uma *hashtag* fixa de reunião de negros falando sobre suas negritudes, mas diz respeito a usuários negros utilizando o ambiente digital, seguindo e interagindo com outras pessoas negras, compartilhando suas vivências e, nesse processo, discutindo suas identidades como sujeitos negros.

3. Metodologia

Estudar comunidades *on-line* apresenta desafios interessantes e que demanda escolhas adequadas e transparentes. Um dos principais desafios está na observação dos limites que circunscrevem essas comunidades, os quais costumam ser bastante fluidos e incertos (Hine, 2015). Em plataformas *on-line* como o Twitter, que tem como característica material associações em torno de tópicos específicos (temas de debates ou campanhas centralizadas por meio das *hashtags*), a definição desses limites pode ser ainda menos visível ao pesquisador. Ao mesmo tempo, o acesso aos conteúdos que circulam no Twitter é mediado por processos algorítmicos (Araujo, 2021) e variam dramaticamente entre usuários, a começar pelos seus modos de uso e perfis que seguem. Portanto, ao construir o aparato metodológico do estudo de objetos de pesquisa como o *Black Twitter*, é necessário, como sugere Hine (2015), reconhecer e preparar-se para o desafio metodológico que é interagir com experiências *on-line*, que são muito diversas e têm uma natureza altamente pessoal.

Nesse sentido, ao elaborar a abordagem metodológica do estudo, optamos pela etnografia como enquadramento de observação dos processos estudados no artigo. Conforme sustenta Hine (2015, *on-line*), a etnografia é um método orientado para observação aprofundada dos sentidos e práticas envolvidos no modo como as pessoas entendem suas vidas. Seu elemento central como proposta metodológica está na capacidade de desenvolver “descrições densas de práticas sociais de indivíduos ou redes de indivíduos (coletividades)” (Polivanov, 2013, p. 62). Dado o contexto das comunidades *on-line* como objeto de pesquisa, descrito no parágrafo anterior, cabe destacar que a etnografia configura-se em nosso estudo como uma “bússola” de navegação nas águas complexas que são as dinâmicas em rede. Esse “instrumento de localização” tem como base a exploração das experiências individuais dos pesquisadores, “como uma fonte

de *insights* sobre as incertezas e tensões insolúveis que podem fazer parte da experiência da internet” (Hine, 2015, *online*).

Nesse sentido, observamos as tensões do *Black Twitter* brasileiro pelas práticas dos sujeitos negros sobre temas e pautas em debate na comunidade e do modo como essas práticas colaboram para a constituição de identidades negras. Para isso, elaboramos um diário de campo no qual coletamos *tweets* e impressões sobre os conteúdos relacionados às principais pautas debatidas entre os sujeitos durante o período da análise. O recorte do estudo foi de abril a outubro de 2020. Para maior efetividade ao nos aproximarmos dos objetivos propostos pela pesquisa, colocamos o foco do relato etnográfico em três temáticas centrais: a atmosfera em torno do *Black Twitter* no Brasil; as práticas do *Black Twitter* em mobilizações antirracistas; e, por fim, questões acerca da identidade negra dos sujeitos do Twitter. Desta forma, construímos um relato de nossa interação com o *Black Twitter* que visa a descrever e avaliar questões em torno da identidade negra em ambientes *on-line*.

Para complementar o processo de construção do campo etnográfico em torno das práticas do *Black Twitter*, optamos por acompanhar perfis de usuários negros com número significativo de seguidores (entre 30 mil e 100 mil) e que participam das práticas e interações do *Black Twitter*, buscando emular em menor escala a infinidade de modos de *ser negro* no contexto observado. Portanto, os perfis foram selecionados por, em certa medida, representarem a diversidade de sujeitos negros encontrada durante o estudo. Além da relevância para o contexto da análise, a seleção dos perfis a serem acompanhados também buscou respeitar critérios geográficos, de gênero e orientação sexual. Foram selecionados sujeitos com diferentes vivências territoriais no Brasil, residentes dos seguintes estados: Ceará, Bahia, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul - estados a serem verificados. Entre os perfis selecionados, havia dois homens e três mulheres. A questão de gênero é fundamental para complexificar a discussão sobre as identidades negras. Davis (2016) afirma que o modo como a sociedade enxerga a mulher negra sempre é diferente em relação ao homem negro e, principalmente, acerca da mulher branca. Por fim, o recorte relativo à orientação sexual foi definido com o propósito de reconhecer as diferentes construções identitárias de sujeitos negros fora dos padrões heteronormativos.

Todos os sujeitos selecionados para a análise foram contatados pelos autores por meio da ferramenta de mensagem direta do Twitter e foi autorizado o acompanhamento. Para isso,

especificamente para essa etapa da pesquisa, foi utilizada a ferramenta IFTTT como plataforma para a coleta diária dos *tweets* desenvolvidos pelos usuários durante o período de dois meses².

Figura 1 – Relato etnográfico



Fonte: Elaborado pelos autores.

Para a organização desse relato etnográfico, desenvolvemos um diário de campo com impressões acerca das práticas digitais de sujeitos negros nas discussões do *Black Twitter* brasileiro. Desse modo, realizamos uma observação direta das discussões relacionadas ao tema da pesquisa durante o período de análise. Nos itens seguintes, descrevemos os aspectos recorrentes. Observamos, nas relações, a identidade negra e os processos comunitários: o modo como os sujeitos negros desenvolvem ativismo antirracista na plataforma; a correlação entre identidade negra e o *Black Twitter*; e, por fim, a estética negra como forma de empoderamento e visibilidade para sujeitos negros na plataforma.

4. Black Twitter: as relações com base na identidade negra e discussão sobre os processos comunitários

² Conforme destacado, a pesquisa realizou-se durante os meses de abril e outubro de 2020, período que compreende todo o processo metodológico envolvido na investigação, da entrada ao campo do *Black Twitter*, até a finalização do relato etnográfico apresentado. Em uma etapa específica das dinâmicas do trabalho de campo, acompanhamos durante dois meses alguns perfis específicos no Twitter, conforme justificado no item da metodologia do trabalho.

Com o propósito de analisar as dinâmicas que dão existência ao *Black Twitter*, observamos e participamos das construções de laços em conversações *on-line* em torno do empoderamento negro estético e intelectual. Nessa jornada, foi possível observar fatores que se mostraram relevantes entre os sujeitos e que buscamos incorporar no relato que desenvolvemos no artigo: o modo de engajamento, discussões sobre racismo, produção de conhecimentos bibliográficos sobre negritude em *threads*³, diferentes identidades e representações entre sujeitos negros e negras. Com isso, torna-se possível vislumbrar algumas das diferentes maneiras pelas quais a construção de identidade negra pode manifestar-se no ambiente digital.

Ao experienciar essas dinâmicas comunitárias, foi possível observar a proeminência de alguns perfis, que passam a estabelecer laços e constituir uma interação mais estreita, isto é, percebemos no *Black Twitter*, então, uma espécie de “panelinha” de usuários que conseguem atingir números maiores de interações e que estão, de alguma forma, mais próximos entre si, desenvolvendo, inclusive, grupos de relações fora da plataforma. Esse processo de agregação gera maior visibilidade e, ao mesmo tempo, movimentos de contestação entre aqueles que não fazem parte dessas relações, como o *tweet* representado na Figura 2 ilustra.

Como é possível entrever, as dinâmicas que fazem parte do *Black Twitter* não são totalmente homogêneas e pactuadas, ou seja, o *Black Twitter* não é um grupo estável e coeso, mas sim uma série de relações em múltiplas escalas (de proximidade, de visibilidade, de colaboração, de concorrência etc.) em torno da negritude.

Figura 2 – *Printscreen* de *Tweet* desenvolvido por um sujeito anônimo do Twitter

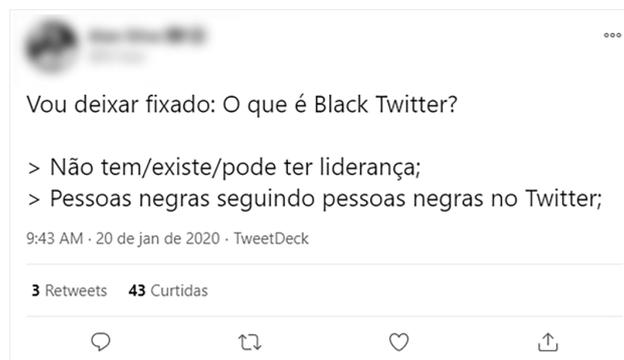
³ *Threads*: no Twitter, é uma série de *tweets* conectados de um mesmo usuário, a fim de expressar uma ideia com texto acima do permitido por *tweet*, de 240 caracteres. É possível, por meio dela, construir um contexto adicional, uma atualização ou uma abordagem ampliada, conectando vários *tweets* juntos.



Fonte: Reprodução do Twitter (2020).

Ao analisar as respostas de outros sujeitos negros ao *tweet* da Figura 2, é possível observar uma série de percepções que emergem da crítica a essa hierarquização das relações que constituem o *Black Twitter*, como a crítica à soberba na forma da militância de alguns sujeitos populares do *Black Twitter* e a invisibilidade dos negros de pele clara. Parte dessas críticas se localiza justamente na forte conexão entre os usuários com maior visibilidade e número de seguidores. Como é possível perceber, o estabelecimento de hierarquias (de visibilidade e alcance) no processo comunitário que forma o *Black Twitter* é um elemento de discussão e conflito nessas relações, colocando em questão a própria natureza e objetivo do grupo. Assim, observamos um esforço normativo de, além de evitar “panelinhas”, estabelecer o *Black Twitter* como um espaço comunitário plano (sem hierarquias), no qual as relações são construídas com o reconhecimento da negritude do outro. A busca por conceber esses modos de relação pode ser resumida no *tweet* representado na Figura 3.

Figura 3 – *Printscreen* de *tweet* desenvolvido por um sujeito negro anônimo do Twitter



Reprodução do Twitter (2020).

Com base nessas observações, consideramos possível afirmar que a existência e a visibilidade do *Black Twitter* se constituem de um processo de agregação comunitário em torno das identidades negras, ou seja, o *Black Twitter*, como modo coletivo de discussão e colaboração na construção de identidades, se forma, efetivamente, no momento em que pessoas negras seguem pessoas negras e passam a discutir suas identidades. Nesse sentido, entendemos o *Black Twitter* como o agrupamento de pessoas negras em torno de temáticas que as unem: a construção e a vivência de suas negritudes.

Esses modos de construção da identidade negra no espaço do Twitter, percebemos, tendem a ser orientados para a discussão de pautas consideradas relevantes e, ao mesmo tempo, para a exposição positiva de sujeitos negros, isto é, as relações que se estabelecem e dão existência ao *Black Twitter* tendem a ser marcadas pelo objetivo de conceder visibilidade a criadores negros no Twitter e ao engajamento de pautas importantes para a negritude. Também proporcionam a possibilidade de construir pertencimento dentro da plataforma. Ao estar imerso em outras vivências negras, sujeitos negros buscam construir comunidades *on-line* ao seguirem outros sujeitos negros que compartilham diretamente - ou não - suas experiências. De modo geral, os sujeitos negros do Twitter estão partilhando suas identidades de diferentes formas na plataforma. Ainda que a consciência racial seja um processo pessoal e mutável, ao seguir outros sujeitos negros pela justificativa negra que os une, constrói-se uma rede de representação e solidariedade negra que se desenvolve por meio da busca por vínculos e identificação nos espaços *on-line*. Nesses ambientes, alguns sujeitos destacam-se ao desenvolver discussões relevantes e tornam-se criadores de conteúdo no *Black Twitter*, o que, muitas vezes, funciona como uma ferramenta de visibilidade para esses sujeitos.

5. Resistência, mobilização e visibilidade antirracista

O ano de 2020 tornou-se um período importante para a retomada dos debates em torno das questões levantadas pela negritude há anos, como a perpetuação cruel do racismo, que se manifesta das mais variadas formas, entre elas, por meio da violência policial contra a população negra. Impulsionado pela morte de George Floyd, mais um homem negro, desarmado, morto pela polícia norte-americana, o *#BlackLivesMatter* tornou-se um movimento global de luta e conscientização contra o racismo. Nesse contexto, as dinâmicas comunitárias que dão corpo ao

Black Twitter tiveram papel importante no *Black Lives Matter*, principalmente pelo engajamento via *hashtags* no Twitter. Do mesmo modo, no contexto brasileiro, foi possível observar o relevante papel das disputas políticas e ativismo em torno das pautas antirracistas. Um caso importante nas dinâmicas observadas foi o assassinato de João Pedro Matos Pinto, um jovem negro de 14 anos, que desapareceu após uma operação policial numa favela do Rio de Janeiro. Com a publicação do primo do jovem no Twitter, que pedia ajuda nas buscas a João Pedro, tornou-se popular a *hashtag* #procurasejoapedro, movimentando postagens com informações sobre o jovem, críticas à polícia e reivindicações sobre a humanidade negra. Ao noticiarem o óbito do jovem, observamos, nas relações que constituem o *Black Twitter* e com o qual interagimos durante a análise, um amplo engajamento diante do desfecho trágico. Esse movimento observado concentrava-se especialmente na busca por responsabilização dos assassinos de João Pedro por meio da pressão ao sistema judicial.

O caso do assassinato de João Pedro é apenas uma entre várias ações conjuntas percebidas ao longo do período de análise (como os casos #soltemGabriel⁴, #BombrilRacista⁵ e #RacismoAquiNão⁶). Nesse sentido, verificamos que o *Black Twitter* se constitui, também, de cadeias de mobilização que se estabelecem por intermédio de *hashtags* e publicações no Twitter. Essa ação conjunta se dá com a busca pela disseminação informativa e, ao mesmo tempo, pela construção de uma identidade de resistência negra. Portanto, embora existam processos de disputa e hierarquias na formação comunitária do *Black Twitter*, há um forte sentido de mobilização quando as pautas do antirracismo entram em questão, estabelecendo-se, assim, como um dos pilares-base da identidade negociada nessas relações.

6. Identidade negra e *Black Twitter*

Brock (2020) afirma que o *Black Twitter* funciona como expressões de identidades negras nos ambientes *on-line*. Com base na observação realizada no estudo, podemos corroborar a tese de Brock (2020). A *bolha social* do *Black Twitter* no Brasil, identificamos, é formada por uma

⁴ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-15/gabriel-foi-presos-por-roubo-a-unica-prova-foi-a-cor-de-sua-pele.html>.

⁵ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/bombril-lanca-produto-dos-anos-50-com-nome-associado-a-racismo/>

⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/por-que-ney-mar-reagiu-pela-primeira-vez-apos-sofrer-racismo-24638797>

ampla diversidade de sujeitos negros, o que leva a uma coexistência de diferentes *modos de ser negro*, isto é, as negritudes que entram em relação no *Black Twitter* brasileiro se diferem e se ramificam pelas vivências encontradas na plataforma, sejam elas de gênero, de regionalidade e até mesmo de tom da pele.

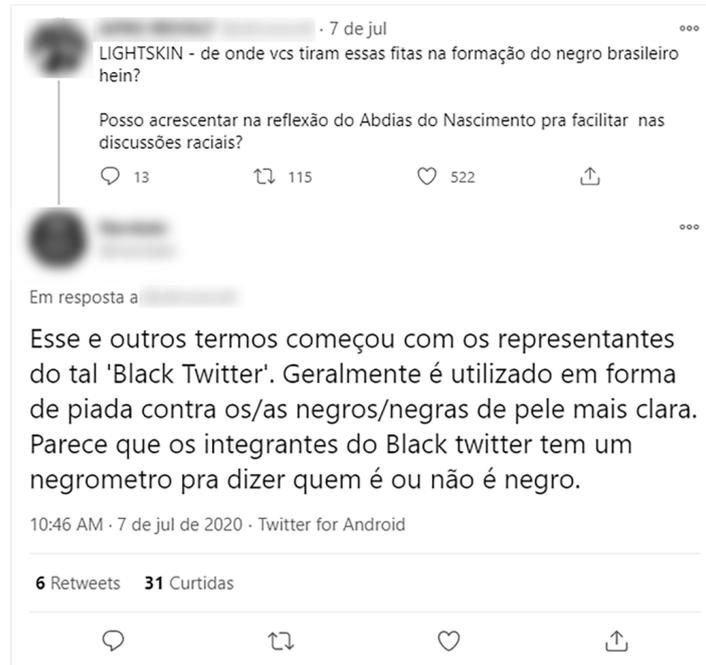
Ao olhar para essa diversidade de modos de ser negro, percebemos que os sujeitos do *Black Twitter* acabam por retomar em suas relações e diálogos, na plataforma, algumas temáticas pautadas nos movimentos negros fora do ambiente *on-line*, como, por exemplo, o que é ser negro no Brasil, com base nas discussões sobre a tonalidade da pele. Em diversos momentos, essa questão sobressai como tópico de debate e, em muitos casos, se configura na seguinte questão: quem é negro para estar no *Black Twitter*? Esse aspecto é um dos desdobramentos de uma das pautas mais complexas da discussão sobre a negritude no Brasil: o colorismo.

A discussão em torno do colorismo baseia-se na diferenciação das tonalidades de pele negra. No *Black Twitter*, essa distinção se explicita com o uso de termos como “*light skin*” ou “afrobege”, para designar os negros de pele clara, e “*dark skin*” ou “retintos”, para os negros de pele escura. Embora tenha relevância, o debate acerca do colorismo, no Twitter, torna-se um elemento de construção de separações identitárias. A constituição dessas classificações, em alguns casos, leva a conflitos e questionamentos sobre a credibilidade dos laços comunitários do *Black Twitter*, como a Figura 4⁷ pode bem exemplificar.

Por sua vez, percebemos, em um *tweet*, produzido por uma das analisadas, a sua dor em relatar que muitas vezes tem sua negritude deslegitimada por ser uma negra de pele clara, ou como costumam nominar no *Black Twitter* como *light skin*, expondo, de forma clara, a maneira que a sociedade, para além dos ambientes *on-line*, costuma reagir em relação a negros de tom de pele clara. Pudemos perceber, por meio das interações estabelecidas com os *tweets* acerca desse evento, que outros sujeitos negros buscaram discutir sobre isso, retomando o que já vinha afirmando a respeito da rede de identificação que o processo de pessoas negras seguindo pessoas negras proporciona neste momento da contemporaneidade.

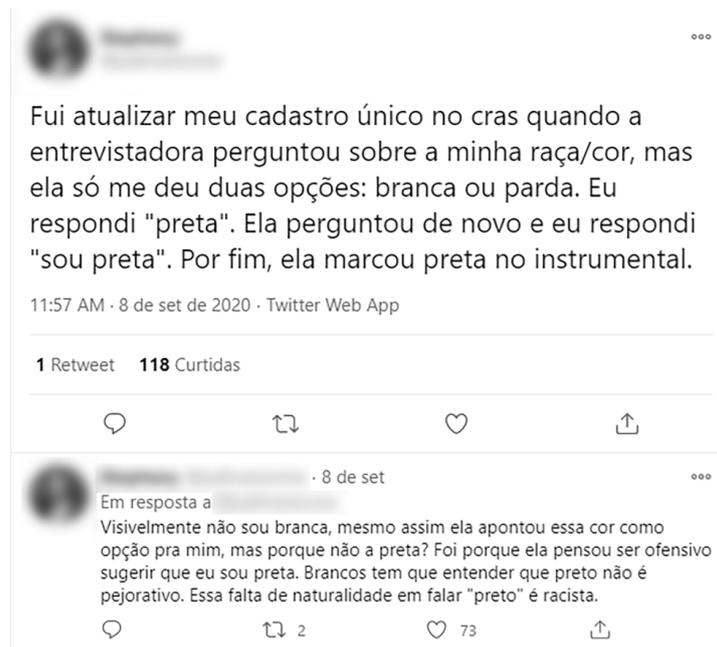
⁷ A Figura 4 trata-se de um *printscreen* coletado antes do período delimitado para a pesquisa de campo. Ele foi publicado na plataforma em janeiro de 2020, mas, considerando a singularidade e importância dele em relação à discussão acerca de uma significação ao *Black Twitter*, torna-se relevante para a proposta do relato pelo caráter etnográfico da pesquisa, que foi desenvolvida por meio de uma observação participante. Desse modo, é normal interagir com publicações que foram realizadas antes do período da análise, uma vez que emergem nessa vivência dentro do Twitter.

Figura 4 – *Printscreen* de sequência de interações de sujeitos negros anônimos do Twitter



Fonte: Reprodução do Twitter (2020).

Figura 5 – *Printscreen* de *tweet* desenvolvido pela idealizadora do Black Twitter Nordeste



Fonte: Reprodução do Twitter (2020).

Ao mesmo tempo, durante as observações da vivência no *Black Twitter*, percebemos, nesses debates, uma predominância de vozes e pautas relacionadas ao Sudeste brasileiro, zona

que historicamente costuma ocupar o foco da visibilidade da discussão pública. Nesse sentido, identificamos a construção de discursos que buscam marcar, de modo crítico, esse *padrão sudestino* do contexto do *Black Twitter* e dar visibilidade a outras perspectivas da negritude brasileira. Por exemplo, em junho de 2020, constatamos um esforço comunitário para a aproximação de sujeitos nordestinos no contexto do *Black Twitter*. Com a publicação da *hashtag* #blackttnordestino, sujeitos negros de estados da Região Nordeste do Brasil passaram a compartilhar suas vivências e, ao mesmo tempo, dar visibilidade às suas produções, procurando estabelecer um recorte territorial de visibilidade às dinâmicas do *Black Twitter*.

7. Empoderamento estético no *Black Twitter*

A produção de conteúdos relacionados à beleza negra representa uma prática constante no contexto do *Black Twitter*. Ainda que os conteúdos não abordem especificamente a negritude, pessoas negras, no contexto dos processos relacionais analisados, tendem a interagir com imagens de outros sujeitos negros que revelam as belezas da negritude. Um dos indivíduos acompanhados durante a pesquisa, um homem negro e homossexual, de 23 anos, exemplifica esse empoderamento estético com suas publicações e reflexões sobre as demais postagens. Ao observar suas exposições, foi possível encontrar fotografias pessoais exaltando com orgulho sua autoestima negra e as referências que a compõem. Embora suas publicações não abordem temas da pauta ativista relacionada ao *Black Twitter*, observamos uma postura bastante proativa na valorização de elementos que ajudam a formar as diferentes identidades negras contemporaneamente. Além da exaltação dos aspectos estéticos, notamos a valorização de diversos símbolos fundamentais para a negritude com base na cultura popular, como o filme *Pantera Negra* (2018) e a figura da cantora Beyoncé.

Considerações finais

Com a análise proposta em nosso estudo, pensamos que o *Black Twitter* pode ser considerado um fenômeno que expressa e constitui as identidades negras na contemporaneidade, mas que não se resume a isso. Entendemos, pela incursão etnográfica, que o *Black Twitter* não pode ser limitado pelo ativismo antirracista, pois, como movimento de

dinâmicas comunitárias e de concorrência, ele também colabora ao revelar a existência de sujeitos negros nas plataformas, capazes de produzirem conteúdos para além das pautas raciais.

Baseados na observação realizada no estudo, passamos a enxergar o *Black Twitter* como um espaço complexo e volúvel: complexo no sentido de que há uma rica diversidade de pontos de vista sobre ser negro em uma sociedade como a brasileira, que não pode ser resumida a uma perspectiva; volúvel no que diz respeito às dinâmicas comunitárias que dão existência ao *Black Twitter*, as quais são cambiantes e incertas, se reconfigurando por meio dos temas em debate e das disputas internas sobre, por exemplo, hierarquia e visibilidade.

Nesse sentido, o que há de singular nas dinâmicas que dão existência ao *Black Twitter* é a movimentação no entorno das vivências e dos diferentes modos de ser negro. Logo, o *Black Twitter* se realiza, efetivamente, pela contínua interação com a diversidade de modos de ser negro e, por isso, caracteriza-se como um importante espaço *on-line* da conscientização política da negritude. Ao mesmo tempo que estimula um senso de solidariedade entre os sujeitos que criam e interagem com os conteúdos sobre a negritude, instaura uma série de discussões que demonstram a fragmentação e diversidade das identidades negras no contexto brasileiro.

Referências bibliográficas

ARAUJO, Willian. Norma algorítmica como técnica de governo em Plataformas Digitais: um estudo da Escola de Criadores de Conteúdo do YouTube. *Revista Fronteiras*, v. 23, n. 1, 2021.

BROCK JR., André. *Distributed Blackness: African American Cybercultures*. New York: NYU Press, 2020.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

D'ANDREA, Carlos. Pesquisando plataformas *online*: conceitos e métodos. *Coleção Cibercultura*. Salvador, EDUFBA, 2020. 79p.

FERNANDES, Viviane; SOUZA, Maria. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 63, p. 103-120, 2016.

GOMES, Nilma. Educação e identidade negra. *Aletria: revista de estudos de literatura*. Belo Horizonte, v. 9, p. 38-47, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HINE, Christine. *Ethnography for the internet: Embedded, embodied and everyday*. Routledge, 2015.

HOOKS, Bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.

PEREIRA, Pedro; COELHO, Tamires. Testemunhos Revelados por Tecnologias Racistas: Fotografias de Família e Ressignificação de Precariedades No Youtube. *Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura*, v. 19, n. 3, p. 79-100, 2021.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. *Esferas*. Brasília, v. 1, n. 3, p. 61-71, 2013.

SILVA, Mozart; ARAUJO, Willian. Biopolítica, racismo estrutural-algorítmico e subjetividade. *Educação Unisinos*, v. 24, p. 1-20, 2020.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

TWITTER. 2020. Disponível em: <<http://www.twitter.com>>. Acesso em: 10 out. 2020.

Janderson Pereira Jacques - Universidade Santa Cruz do Sul - UNISC

Publicitário, pesquisador e diretor de arte formado pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Desenvolve pesquisas ligadas às redes, práticas sociais, *black cyberculture* e etnografia. Email: janderson.jacques@hotmail.com

Willian Fernandes Araujo - Universidade Santa Cruz do Sul - UNISC

Professor dos cursos de Comunicação Social e Fotografia e dos programas de pós-graduação em Administração e em Educação da Unisc, vice-coordenador do Grupo de Pesquisa em Tecnologias e Culturas Digitais da Intercom. Email: willianfaraujo@gmail.com